



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



DA MESTRA MARIA APARECIDA A COLETIVO MÃES PRETAS DO CONGADO: oralidade e liderança da mulher na congada.

Tarcísio Luiz Candido, Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

tarcicioc82@gmail.com, luciane.dias@ufu.br

Fundação Municipal Zumbi dos Palmares, Universidade Federal de Uberlândia

O trabalho aqui apresentado é parte de um projeto de extensão que trata da cultura conga e a participação das mulheres na mesma. O Projeto “Cultura da congada na visão da Mestra Maria Aparecida -Coletivo “Mães Pretas do Congado, da Irmandade de São Benedito de Ituiutaba/MG.” é fundamentado em três eixos complementares – eixo 1: Memória e ancestralidade; eixo 2: Promoção de bem viver e qualidade de vida das mulheres congadeiras; e eixo 3: Capacitação e geração de renda. Cada eixo abrigará ações relacionadas à sua temática específica. Contudo, todos os eixos e ações buscarão contribuir para a formação identitária das mulheres negras, e conseqüentemente, fortalecer a cultura conga dando visibilidade a presença feminina nas diversas atividades.

O corpo negro vem sendo reconstruído na militância em vários movimentos de resignificação do mesmo por meio da estética negra. Daí, “entender a importância da simbologia do corpo negro, a manipulação do cabelo e dos penteados usados pelos negros de hoje como formas de recriação e resignificação cultural daquelas construídas pelos negros da diáspora poderá ser um bom tema de estudo e debate dentro da discussão sobre história e cultura afro-brasileira” (GOMES, 2003, p.128).

O corpo da mulher negra historicamente foi espaço de opressão, subordinação, erotização e violência. Por isso, nessas oficinas, buscaremos evidenciar os saberes estético-corpóreos como resistência e luta (GOMES, 2017).

O recorte desta apresentação reporta especialmente para a questão de gênero e oralidade a partir da presença da mestra de saberes.

Mestres/as de saberes são líderes de grupos culturais e associações locais que trabalham com as tradições orais e/ou animação popular como congadeiro/a, folião de reis e bois, cantador/a de quadrilha, capoeirista, dança afro, jongueiros e outros.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



Geralmente os/as mestres/as são pessoas reconhecidos/as pela comunidade e com ligação de pertença ou participação em algum grupo tradicional de matriz africana, com história de vida na tradição afro-brasileira comprovada. No caso deste trabalho destacamos a Mestra Maria Aparecida. Metodologicamente é uma pesquisa bibliográfica conjunta com relato de história de vida.

Trazendo a discussão para a variável gênero na congada, é importante destacar que a sociedade brasileira é marcada pela invisibilidade da mulher, em geral, e da mulher negra, em especial. Nesta perspectiva, este coletivo foca suas ações na mulher negra congadeira. A Congada representa em Minas Gerais, uma das maiores manifestações culturais e de resistência negra. Contudo, existe a (in)visibilidade da mulher negra congadeira (PAULA, 2010).

Tradicionalmente, as mulheres congadeiras mantinham-se nas tarefas ligadas a organização interna do terno, cabendo aos homens congadeiros a tarefa de coordenação e visibilidade pública. Esse quadro vem sendo modificado e as mulheres congadeiras estão indo além das tarefas tradicionais de preparação das roupas e alimentos (KATRIB, 2009).

Assim, neste trabalho buscamos dar visibilidade às ações de uma mulher negra que historicamente vem guardando a tradição conga. A presente comunicação oral publiciza as ações realizadas pelo Coletivo Mães Pretas do Congado, da Irmandade de São Benedito de Ituiutaba/MG, em especial, o projeto denominado “Cultura da congada na visão da Mestra Maria Aparecida”, premiada na 7ª Edição do Edital Culturas Populares que em 2019 homenageia Vitor Mateus Teixeira – o Teixeirainha, que será realizado no ano de 2020.

Para destacarmos a atuação da Mestra Maria Aparecida à frente do Coletivo Mães Pretas do Congado, é necessário fazer um histórico resumido sobre a Irmandade de São Benedito de Ituiutaba/MG, local onde estas pessoas realizam, em maior volume, suas atividades culturais.

Nesse movimento histórico de resistência, baseada na atividade cultural da congada, as mulheres componentes do Coletivo Mães pretas do congado, vem de geração em geração, mantendo essa manifestação acesa tanto nas práticas congadeiras quanto na formação identitária.

Nessa proposta, O Coletivo Mães pretas da congada é representado pelas mestras: Maria Francisca Luiza do Terno Congo Camisa Verde (1954), Marina Eurípedes de Oliveira



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



do terno Congo Real (1987) e Maria Aparecida Luiza Cândido do terno Catupé Capão de Ouro (2018). Da mesma forma, O Coletivo Mães pretas destaca a figura da matriarca Maria Aparecida, que é a mulher mais velha dentre as matriarcas apresentadas.

A Mestra Maria Aparecida Luiza Cândido, que por ser a matriarca que representa o Coletivo Mães Pretas do congado que dignifica a nossa ancestralidade. A mestra é filha de Geraldo Clarimundo, fundador do terno de Congo Camisa Verde (1954). Até o ano de 2002, atuou nas atividades do terno Congo Camisa Verde, principalmente nas atividades de apoio, como cozinheira.

Após este período, funda juntamente com suas filhas e sobrinha (Maria Leamar, Célia Abadia e Claudia Luiza, respectivamente) o terno denominado Congo da Libertação (2004), onde permaneceu por quatorze anos. Recentemente, tendo como intuito auxiliar seu neto, Lucas Cândido, ocupa a função de mentora e matriarca do grupo recém-criado na cidade de Ituiutaba/MG, Catupé Capão de Ouro (2018).

A Mestra Maria Aparecida tem seu histórico ligado à preservação da cultura conga. Desenvolve de maneira humilde e tímida sua liderança. É uma mulher mansa, de fala baixa, contudo com muita sabedoria. Por conta de sua experiência, por ter participado de um dos ternos mais antigos da cidade, foi o alicerce de fundação de outros dois ternos. Conduz sua família e o terno de catupé com retidão, repassando a tradição da ancestralidade guardada por ela na sua memória. Usa da oralidade para que seus ensinamentos possam atingir sua família, o terno e além desses a sociedade tijuana.

Atualmente além de passar seus ensinamentos ao catupé, a Dona Aparecida tem contribuído com o Coletivo Mães Pretas da congada, onde prepara jovens negras para exercer a liderança na comunidade. São esses conhecimentos que acreditamos serem adequados para a preservação da cultura conga. O Coletivo Mães Pretas do Congado foi criado por mulheres negras integrantes da Irmandade de São Benedito da cidade Ituiutaba/MG, responsável pelos diversos ternos de congada e que contribuem para a consecução dessa festa.

Para transmitir os saberes relacionados a manifestação da congada, as mestres e mestres utilizam a oralidade como ferramenta. Como destacado por Lima e Costa (2016, p. 231), “no Brasil, tanto as populações africanas em diáspora, quanto as populações indígenas locais apresentavam formas de organização em que a transmissão dos conhecimentos e



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



técnicas, bem como cosmogonias e a própria história e memória das comunidades eram transmitidas de forma oral e se baseavam na experiência do mundo”.

Para Brasileiro (2013) é relevante fazer o uso da oralidade para entender os discursos, pois reunindo vários testemunhos e unindo-os ou não com fontes documentais, é possível compreender divergências de memórias, conflitos e disputas, e também confrontar uma realidade anunciada com aquela que de fato ocorreu. Tradicionalmente, os agentes responsáveis por perpetuar as histórias de uma comunidade - utilizando a ferramenta da oralidade - são denominados de griôs¹².

A Mestra Maria Aparecida tem contribuído, atualmente nesse aspecto, como uma fonte de inspiração e conhecimento para os mais novos. Por ser uma das mestras mais experiente e detentora de conhecimento ancestral, orienta na tomada de decisão e efetiva execução das ações. Desta forma respeita-se, sobretudo, a importância da fonte de vivência e conhecimento antecessor, que este/esta congadeiro(a) ‘mais vivido’ detém.

Assim, as ações deste coletivo são focadas nas mulheres negras em geral, e particularmente mulheres negras congadeiras, tendo como objetivo o resgate das histórias de vida das matriarcas fundadoras dos ternos, para que inspirem e favoreçam a formação identitária de jovens negras congadeiras. Desta forma, o Coletivo Mães pretas do congado, e a Mestra Maria Aparecida realizam suas atividades de incentivo à cultura conga nos diversos ternos por meio de sustentação das tradições, pela hereditariedade e formação identitária dos congadeiros/as.

Questionar os ternos de congada, bem como a sociedade em geral, sobre a presença das mulheres negras e suas histórias de resistência, contribuindo para visibilidade de memórias das matriarcas da congada é uma ação relevante para o nosso momento histórico.

¹ A palavra griot é de origem francesa, usando-se griot para referência ao masculino e griote para o feminino. Griô é um jeito brasileiro proposto pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô. Griô pode significar sangue, uma analogia com o que circula no organismo vivo (PACHECO, 2006).

² Pacheco (2006, p. 45) explica que os griôs “são genealogistas, contadores de histórias, músicos/poetas populares, importantes agentes da cultura. Chegam a assumir a função de noticiadores, mediadores e diplomatas. Às vezes são contratados pelos nobres para pesquisar e contar a história e genealogia de sua família, seus heróis e glórias. Os griôs podem enfeitar ou alegrar os eventos de uma comunidade como palhaços. Na tradição oral, a palavra tem um poder e um significado divino, tem um compromisso com a verdade e com os ancestrais. Ter o poder de brincar e enfeitar as palavras é algo legitimado apenas por alguns tipos de griôs.



IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



Espera-se que as mulheres negras congadeiras articulem-se principalmente com movimentos sociais ligados à organização de mulheres negras nas diversas esferas, destacando a resistência e resiliência das mulheres negras congadeiras, interligando a história e memória das lutas matriarcas das quais somos frutos na atualidade.

Utilizar a memória e as ações dos/as mestres/as servem como fonte de inspiração para atacar as diversas formas de opressão oriundas do contexto histórico colonizador e machista que predomina no nosso país. Exemplos como o apresentado neste trabalho subsidiam a luta em aspectos que favoreçam o bem viver e a qualidade de vida de mulheres negras congadeiras.

Com relação ao ponto de vista identitário, entendemos que as memórias orais de mestres/as podem contribuir para que mulheres negras possam ver-se de forma mais empoderada, ressaltem suas belezas a partir das características fenotípicas, ressaltando o valor das diversas formas que se apresentam.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Jeremias. O congado na cidade de Uberlândia: disputas, poder e divergências de memórias. **Caderno de Pesquisas Cdhis**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 61-82, jan./jun., 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/24390/13504>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

LIMA, Mestre Alcides de; COSTA, Ana Carolina Francischetteda. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. **Revista Diversitas**, São Paulo, n. 3, p. 216-245, abr., 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/113893>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

NAVES, F D e KATRIB, C M I. Cultura, identidade e religiosidade em Ituiutaba-mg. In:file:///D:/Users/User/Downloads/6332-Texto%20do%20artigo-81164-1-10-20130207.pdf, v. 6, n. 2, fev., 2012. Acesso em: 06 ago. 2019.

PACHECO, LÍlian. **Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida**. 1. ed. Lençóis, Bahia: Grãos de Luz e Griô – Ponto de Cultura, 2006. Disponível em: <<http://graosdeluzegrio.org.br/compre-nossos-produtos/livros/a-pedagogia-griô/>>. Acesso em: 08 ago. 2019.